



Avaliação como instrumento de melhoria

por Regina Cançado

Como Sócrates já dizia, "há coisas que não podemos fazer com os números e outras que não podemos fazer sem eles". Na educação, podemos medir com números o desempenho acadêmico dos alunos, suas horas de estudo, o nível de satisfação dos professores, a frequência de certas atividades, etc. Mas avaliar, por exemplo, espírito de solidariedade, honestidade, só pelas atitudes e exemplos. Aqui os números são impotentes.

Ao avaliar uma escola ou uma rede de escolas, não se trata apenas de medir variáveis a partir de uma escala, mas também de saber até que ponto a escola é um lugar social, de aprendizagem, de desenvolvimento pessoal e profissional. Por isso é que se torna necessário escolher um conjunto de indicadores, relativos à forma como a escola se organiza e disponibiliza seus recursos, prepara e realiza o ensino e a aprendizagem dos seus alunos e cria um ambiente propício à interação das pessoas e à aprendizagem,

Embora haja diferentes definições de Avaliação, a que melhor se adapta a uma visão contemporânea é a seguinte: avaliação é o processo de coleta de dados, síntese e interpretação de informações e uso dessas informações para programar melhorias.

Para pensarmos sobre Avaliação, temos que definir quatro grandes e sequenciais componentes: intenção ou propósito, que responde à pergunta por que estamos avaliando; o método usado para medir ou descrever, que pressupõe técnicas para coletar informações; a análise e a interpretação de resultados; e o uso dos resultados, que são as decisões tomadas com base nas informações obtidas. Para a definição acima, um exemplo prático. Quando um paciente vai ao médico fazer um *checkup*, o seu propósito é avaliar o estado geral de sua saúde. A partir

do que é exposto, o médico define o método para coletar informações, que são consideradas vitais para identificar em que aspectos o estado de saúde do paciente está bom e aqueles em que precisa melhorar.

Inicialmente, ele aplica um questionário oral ao paciente, formulando perguntas sobre o seu estilo de vida, hábitos alimentares, características genéticas da família, etc. Inclui, também, solicitações de exames laboratoriais, raios x, ultra-sonografias e outros mais. Tudo isso, muito sintonizado com o objetivo da consulta.

Depois de coletar todas as informações, o médico, então, faz a análise e a interpretação dos resultados. A última etapa do processo avaliativo é o uso desses resultados para melhorar o estado de saúde do paciente. As decisões para a prescrição médica serão baseadas nas informações obtidas. Sem essa etapa, não se pode falar em avaliação ou processo avaliativo, mas em apenas verificação do estado de saúde. Ou seja, há apenas uma constatação de que o estado de saúde está bom ou ruim. Para caracterizar um processo avaliativo, é necessário que se faça uso dos resultados obtidos para programar melhorias.

Nas escolas

Em se tratando do processo avaliativo nas escolas, há muitas razões para avaliar o desempenho escolar dos alunos. Professores querem saber quanto os estudantes sabem antes de iniciarem uma unidade de ensino, quanto estão progredindo e quanto eles aprenderam ao final do processo. Professores comprometidos precisam de avaliação para elaborar estratégias específicas de ensino. Diretores querem saber como os alunos se saem em avaliações em larga escala com testes padronizados. Pais querem as informações sobre o desempenho escolar dos filhos. Os órgãos políticos

Para caracterizar um processo avaliativo, é necessário que se faça uso dos resultados obtidos para programar melhorias.



precisam dos dados desse desempenho para julgar a qualidade da educação que os alunos recebem.

Da mesma forma, o processo avaliativo escolar começa com a identificação de um objetivo específico para que seja realizada a coleta dos dados e a interpretação das informações. Uma vez que o objetivo tenha sido identificado, apropriados métodos para colher e sintetizar as informações devem ser escolhidos. O que é bom para um objetivo pode não ser para outro. Esta é uma lição importante sobre avaliação: a natureza do método de medição deve sempre originar-se do propósito definido.

Certa vez, surpreendi-me com uma professora de língua estrangeira que, chegando à sala de aula, pediu que todos nós, seus alunos, arrancássemos uma folha de nosso caderno. Em seguida, ela deu a seguinte instrução: eu vou definir um tema, e vocês vão escrever um pequeno texto sobre ele, mas sem tirar o lápis do papel até que eu dê ordem para parar. É claro que segui a orientação dada por ela, mas fiquei curiosa para saber o porquê da segunda parte de sua instrução. Depois que terminamos a atividade, a professora recolheu a folha em que escrevemos o texto e levou para fazer a correção em casa.

No final da aula, perguntei a ela a razão de não podermos tirar o lápis do papel enquanto escrevíamos, e ela, naturalmente, respondeu-me: "O propósito desta

atividade é avaliar a habilidade de expressão do pensamento (em língua estrangeira) sobre um tema definido, sem preocupação com os aspectos gramaticais". Sua resposta confirma a relação entre o objetivo e a técnica ou tipo de instrumento que utilizou para avaliar. Nesse caso, um instrumento alternativo.

Avaliações diversas

Pensando sobre propósito ou objetivo, é importante diferenciar avaliação em sala de aula da avaliação em larga escala (escola, rede, estado, país). Ambas têm a mesma finalidade - melhorar a aprendizagem dos alunos -, mas diferem nos objetivos específicos, métodos e uso dos resultados.

A avaliação em sala de aula serve para diagnosticar necessidades, interesses e problemas de cada aluno, permitindo ao professor acompanhar a construção do conhecimento do início ao final do processo. Essa avaliação é uma das etapas do processo de ensino e de aprendizagem, e suas diretrizes devem estar explícitas na proposta pedagógica da escola. Ela existe para apoiar as decisões do professor, as quais incluem o que, como e em quanto tempo ensinar, o que e quando revisar e outras decisões relacionadas.

Geralmente, os professores usam a própria experiência, a razão e a lógica, entre outras fontes de conhecimento, para tomar suas decisões. Mas a efetiva tomada de





Não se fazem melhorias apenas com constatação de fragilidades do sistema educacional.

decisão deles deve ser baseada na sua habilidade de entender seus alunos, combinada com ações de avaliações corretas. Com os resultados da avaliação em sala de aula, o professor pode, dentre muitas estratégias, motivar os alunos a se empenharem mais em aprender, informá-los sobre o que é esperado deles, analisar as abordagens de ensino, ajustar e orientar as suas intervenções pedagógicas a atender às diferenças individuais dos alunos.

Por outro lado, a avaliação em larga escala, ou do sistema educacional, avalia o desempenho escolar de grupos de alunos. Por isso, pode ser feita até mesmo por amostragem. Outro ponto importante é que ela não gira apenas em torno dos resultados de desempenho acadêmico dos alunos, mas leva em conta os principais fatores que impactam a aprendizagem. Ou seja, avalia a qualidade da educação oferecida e as condições em que ela se realiza.

O que interessa na avaliação do sistema educacional é fazer um diagnóstico considerando o resultado da aprendizagem (eficácia) e a relação da aprendizagem com fatores que definem os recursos e processos educativos (eficiência). Por exemplo, com essa avaliação pode-se perceber uma oportunidade de melhorar a aprendizagem dos alunos por meio de um trabalho com a família, pela capacitação dos professores ou até mesmo com algumas mudanças na organização da escola. Ela interessa aos diretores das instituições e aos órgãos responsáveis pelas políticas educacionais.

A avaliação em larga escala não é uma iniciativa recente e vem suscitando um crescente interesse nos sistemas educacionais contemporâneos. No passado, ela era vista simplesmente como a construção de testes padronizados para a aplicação em escolas ou redes de escolas, e o uso dos resultados desses testes, para comparar o desempenho de grupos de alunos, de escolas e de redes de ensino. Mas há, hoje, a consciência de que a avaliação, num sentido mais amplo, deve ser vista não apenas para indicar se houve aprendizagem ou não, mas principalmente para melhorá-la. Daí, a necessidade de ser uma avaliação consistente pedagogicamente e com todo rigor técnico, e útil, que forneça informações relevantes para apoiar as decisões das lideranças educacionais.

Nesse caso, deve ficar claro que as ações de melhoria, apesar de não serem focadas no aluno individual-

mente, o têm como grande beneficiado. Imagine se os resultados apresentados no relatório mostrarem que a média de horas de estudo dos alunos de uma escola é muito baixa se comparada com as referências dadas em pesquisa ou mesmo em relação à média da rede de ensino a que a escola pertence. Esse é um fator que tem impacto na aprendizagem dos alunos. Como a escola deve fazer uso desse resultado para melhorar o desempenho deles?

Inicialmente, é preciso identificar as causas. Para isso, a liderança da escola deve formar um grupo de trabalho para fazer o levantamento. Pode-se usar, nessa fase, uma técnica simples que é o *brainstorm*, conhecida também como "tempestade cerebral". As causas deverão ser categorizadas e, em seguida, priorizadas aquelas de maior impacto para serem eliminadas. Essas são as etapas preliminares a qualquer iniciativa para o estabelecimento de metas de melhoria, as quais se tornarão os objetivos dos planos de ação. Quando a avaliação é feita sistematicamente, estabelece-se então um ciclo contínuo de melhoramentos, ou seja, a escola se avalia para melhorar e melhora sempre que se avalia.

Portanto, para que haja um processo avaliativo, todos os passos seqüenciais devem ser seguidos, desde o estabelecimento do propósito da avaliação até o uso dos resultados obtidos para melhorar a rede de escolas, a escola e a sala de aula. Não se fazem melhorias apenas com constatação de fragilidades do sistema educacional. Aliás, quando surge a proposta de se avaliar uma escola ou uma rede de escolas, busca-se identificar não apenas as fragilidades, mas também os pontos fortes. Entenderíamos um médico que fizesse avaliação de um quadro clínico do paciente apenas para identificar o que está mal? Muitas vezes, as próprias lideranças são surpreendidas com resultados altamente positivos que, por falta de uma medida com técnicas apropriadas, eram desconhecidos, até então. ☺

Regina Cançado é diretora de Desenvolvimento do Instituto de Avaliação e Desenvolvimento Educacional (Inade).

reginac@institutoinade.com.br